

ESBOÇO DE UMA REFLEXÃO DO TEMPO E DO ESPAÇO NO PENSAMENTO ANTROPOLÓGICO CLÁSSICO

Mísia Lins Reesink¹

RESUMO

Esse artigo pretende refletir, em forma de esboço, pois não vai mais além do que isto, as noções de tempo e espaço no pensamento antropológico, restringindo-se sobretudo ao período clássico desta ciência. Dos evolucionistas à escola francesa, passando pelos particularistas de Boas e pelo estrutural-funcionalismo de Radcliffe-Brown, estas categorias (compreendidas principalmente a partir de uma concepção kantiana) foram fundamentais na construção epistemológica da antropologia e influenciou nos seus direcionamentos metodológicos. Faço, então, uma breve análise dos usos (ou não-usos) destas noções tentando, ainda, fazer uma rápida relação com o tempo/espaço na contemporaneidade antropológica.

RESUMÉ

Cet article, en forme d'esquisse, prétend nous emmener à la réflexion sur les catégories du temps et de l'espace dans la pensée anthropologique, concernée dans la période classique de cette science. Dès les évolutionnistes jusqu'à à l'école française, en passant par le particularisme de Boas et le structural-fonctionnalisme de Radcliffe-Brown, ces catégories (comprises surtout a partir d'une conception kantienne) ont eu une importance fondamentale dans la construction épistémologique de l'anthropologie, au même temps qu'a influencé les perspectives méthodologiques. Voici alors une brève analyse différentes conceptions de ces notions, tout en essayant d'élaborer un rapport entre le temps/l'espace et la contemporanéité anthropologique.

INTRODUÇÃO

A questão do tempo e espaço sempre implicou em concepções e reflexões ontológicas e epistemológicas sobre estes e seus inter-relacionamentos. Na tradição ocidental desde a antiguidade clássica, tempo e espaço são pensados e refletidos nas elaborações filosóficas, com repercussões que se fazem sentir nas ciências humanas, sobretudo história e ciências sociais. A antropologia no processo de sua construção enquanto ciência moderna elaborou em diferentes etapas relações diferenciadas com estas duas categorias, relações e concepções estas que foram influenciadas (e influenciou) por contextos históricos, culturais e filosóficos. Sem dúvida, aliás, de uma forma ou de outra, a filosofia tem um impacto grande na antropologia; mas para nós basta, por enquanto, tratar, a princípio e rapidamente, das concepções de KANT (1724-1804), que, de diferentes maneiras, repercutiram na antropologia, principalmente do período clássico, sendo talvez, na minha perspectiva, um dos pensadores que mais contribuíram para a construção dessa disciplina. Assim, para ele - quando discute na *Crítica da Razão Pura* -, tempo e espaço são categorias de entendimento do pensamento humano, mas, ao contrário de outras (quantidade, qualidade, relação e modalidade), não são categorias puras (pureza esta que implica em transcendência e imperatividade). KANT pensa então que elas são formas *a priori* do pensamento, dando forma e dimensão às categorias puras, sendo que estas se concretizam, fenomenologicamente, a partir da condição daquelas. Depois de um período de "glória", essa postura de Kant vai ser questionada pelos neokantistas, principalmente HAMELIN (1856-1907)¹, contemporâneo de Durkheim, que vai ampliar estas reflexões a partir do momento que considera tempo e es-

¹ Mísia Lins Reesink é mestra em Antropologia pela UFPE e Professora Assistente do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

¹ Para uma melhor discussão da concepção de Hamelin, ver R. Cardoso de Oliveira (1988).

paço também como categorias puras do entendimento humano². Ora, a antropologia, sobretudo a partir do momento que faz uma reflexão sobre os pressupostos evolucionistas, tende a pensar estas categorias não mais apenas como puras, mas sobretudo como construções socioculturais. Mas, por enquanto antes de entrar numa discussão mais “exaustivamente antropológica”, gostaria de voltar um pouco mais minha atenção para alguns aspectos mais propriamente ontológicos do tempo/espaço discutidos mais contemporaneamente, privilegiando aqui a perspectiva de C. CASTORIADIS.

Partindo de uma abordagem mais “estruturalista”, C. CASTORIADIS (1992) concebe que há três tipos diferentes de tempo e espaço. Primeiramente, o tempo/espaço objetivos (comensurável, quantificável, materializado, conídico³); com implicações no sistema filosófico de Aristóteles, por exemplo. Segundo, o tempo e espaço subjetivo, aquele experienciado e vivido pelo sujeito, estas categorias⁴ aqui como ponto de importantes reflexões para Santo Agostinho. Por último, o tempo e espaço cósmicos, ou seja, o tempo e espaço enquanto tais, base tanto para o objetivo, quanto para o subjetivo. No entanto, como diz CASTORIADIS, tradicionalmente estes dois primeiros tempos e espaços sempre foram pensados separadamente; entretanto, são fundamentalmente inseparáveis: diferentes, mas complementares. O tempo e espaço, assim, possuem duas dimensões: uma conídica (relativa à lógica racional e ao cósmico) e outra imaginária, estas sendo plenas de significação e significado. Num eco distante das idéias de KANT e HAMELIN, então, institui o seu mundo a partir de dois receptáculos: o espaço e o tempo social, tanto conídico, quanto imaginário, sendo que a instituição do espaço e do tempo conídico (objetivo e cósmico) é modificado e alterado pela instituição do tempo e espaço imaginário (subjetivo - esse mesmo auto-alteração). Tempo e espaço são então, relativos e se constróem implicitamente, e mais ainda, segundo CASTORIADIS, estão

diretamente implicados na questão da alteridade - sendo esta problema básico para a antropologia.

Diante do exposto acima, pode-se ver como as categorias tempo/espaço se constituem, então, como pontos fundamentais para o conhecimento antropológico (mesmo quando há uma tentativa de negação ou anulação do tempo), pois instituição sociocultural implica reciprocamente em tempo/espaço. Sendo assim, o que pretendo aqui é esboçar, rapidamente, como estas categorias foram pensadas e refletidas no percurso que a antropologia fez (e refez), centrando minhas considerações no período da antropologia clássica (ou seja, antes da revolução estruturalista de Lévi-Strauss), a partir principalmente das considerações de autores como J. FABIAN, R. CARDOSO DE OLIVEIRA, R. DAMATTA. Além disto, gostaria ainda de demonstrar a utilização do tempo/espaço como categorias de análise em etnografias clássicas, como a de E. EVANS-PRITCHARD, e também refletir um pouco, a partir de etnografias contemporâneas, como estas categorias são pensadas hoje pela antropologia.

NOÇÕES DE TEMPO E ESPAÇO: UM BALANÇO ANTROPOLÓGICO

Se seguirmos o que pensa CASTORIADIS, tempo/espaço estão em relação de implicação com alteridade; ou seja, a percepção do “Outro”, do diferente, se dá também a construção do tempo e do espaço. A partir disto, agora seguindo FABIAN (1983), tempo/espaço/’Outros’ se constróem a partir de uma perspectiva de inclusão/exclusão. Portanto, segundo este autor, na pré-modernidade o tempo e o espaço são pensados inclusivamente, ou seja, a partir da conversão e salvação, o mundo pagão circundante era incluído dentro da espacialidade e temporalidade do mundo cristão; o movimento então é o de inclusão. Já na modernidade, o que ocorre é um distanciamento, onde a civilização europeia é “aqui” e “agora” (here and now); e “lá” e o “então” (there and then) é o tempo e o espaço dos selvagens. Ora, H. CLASTRES (*apud* MONTERO, 1991) já refletiu que é a partir do Iluminismo que a sociedade ocidental vai pensar e refletir sobre a sua própria condição de sociedade, fazendo isso a partir de uma autoconsciência histórica, mas que, no entanto, nessa reflexão não se inclui as sociedades diferentes, porque para o Iluminismo estas sociedades não têm história, impossibilitando o seu conhecimento, pois, para estes iluminados, o único método que assegurava um conhecimento científico era o método histórico. H. CLASTRES acres-

² Essa perspectiva de Hamelin será ampliada e rediscutida por Durkheim e Mauss, como veremos mais tarde.

³ O termo “conídico” foi elaborado por Castoriadis como uma contração do termo conjuntista/identitário, que se refere à lógica racional, ao que ele chama de fazer e dizer/representar social. Conide é tudo aquilo que diz respeito ao que é conjuntizável pelo homem, quantificável lógico-racionalmente pelo homem. O elemento conídico é também instituído pelo imaginário radical e é necessário para a instituição de uma sociedade pelo imaginário radical. O social-histórico não prescinde do elemento conídico.

⁴ Utilizarei aqui neste trabalho a concepção de tempo e espaço como categorias, mas em um sentido mais lato, próximo a “idéia” e “conceito”.

centa, então, que os antropólogos evolucionistas vão fazer uma radicalização do Iluminismo, ao incluírem as outras sociedades dentro da história da humanidade.

Voltando novamente ao que dizia Fabian sobre inclusão/exclusão, ele afirma que a passagem da inclusão para o distanciamento (da pré-modernidade para a modernidade) ocorre a partir de uma secularização e naturalização do tempo. Assim, a concepção que os evolucionistas têm do tempo é de um tempo naturalizado, numa concepção neokantiana do tempo físico e de um tempo espacializado. A ambição dos evolucionistas é, assim, da construção de uma teoria universal do tempo; tempo este que é unilinear, quantificável e universal. Concebendo todas as sociedades humanas como fazendo parte da história da humanidade, os evolucionistas fazem um movimento de inclusão, como bem viu H. CLASTRES, mas também de exclusão (distanciamento) ou negação das sociedades diferenciadas. Como demonstra DAMATTA (1994) (e fazendo já parte do “senso comum antropológico”), os evolucionistas pensam a humanidade dentro de uma perspectiva de evolução e progresso histórico: passando da selvageria, para a barbárie, e daqui para a civilização, ponto mais alto da evolução humana e onde se encontra a sociedade ocidental. Esse tipo de concepção é construída a partir de alguns pressupostos e percepções: a) a humanidade se desenvolve a partir de estágios evolutivos, ocorridos dentro de grandes escalas de tempo; b) a humanidade é uma só, ou seja, existe a unidade psíquica do homem; c) as sociedades do mundo que se encontram na contemporaneidade, de fato, estão divididas em estágios de tempo, são “sobrevivências” (termo cunhado por TYLOR) de tempos passados. Assim, como observa DAMATTA, evolucionistas tais como MORGAN, FRAZER, MAINE, MCLENNAN, entre outros, incluem essas sociedades na humanidade, mas asseguram o distanciamento ao colocá-las em uma etapa do passado evolutivo do próprio Ocidente. Para os evolucionistas assim como para os iluministas, o espaço é concebido enquanto local, pensado geograficamente. Assim, a distância entre sociedades é assegurada pelo tempo, pela história e pelo espaço. É assumida uma contemporaneidade espacial para as sociedades diferenciadas, mas ao mesmo tempo negada uma historicidade/temporalidade contemporânea para elas.

Ao chegar a este ponto da reflexão, seria interessante se debruçar sobre algumas considerações acerca do tempo/espaço na antropologia, tendo como base a concepção de “Matriz Disciplinar” desenvolvida por R. CARDOSO DE OLIVEIRA (1988), que compreende um momento imediatamente posterior às concepções

evolucionistas, num movimento de crítica e princípio de superação destas. Para CARDOSO DE OLIVEIRA, a antropologia se divide em duas tradições (intelectualista e empirista) e dois tempos (diacrônico e sincrônico), que se inter cruzam; a isso correspondem quatro paradigmas disciplinares que se situam cada qual em um tempo, uma tradição. Primeiro, a Escola Sociológica Francesa, que se inclui na tradição intelectualista (dentro da tradição racionalista francesa, a partir de DESCARTES): aqui, segundo CARDOSO DE OLIVEIRA, o tempo é posto entre parênteses; segundo a Escola Estrutural-Funcional Britânica de tradição empirista e tempo sincrônico: o tempo está mais do que nunca em suspenso; terceiro, a Escola Histórico-Cultural, de tempo diacrônico e tradição empírica: o tempo do outro é resgatado e incluído; por fim, o Interpretativismo (que não vou discutir aqui especificamente neste trabalho) de tradição intelectualista e tempo diacrônico: história do pesquisador e pesquisado são incluídos. A partir desta idéia de “Matriz Disciplinar”, é possível fazer uma compreensão estrutural das categorias, aqui implicadas, na antropologia. Aqui neste “espaço”, levantarei então alguns pontos sobre o tempo/espaço nos três primeiros paradigmas.

ESCOLA SOCIOLOGICA FRANCESA

Aqui iniciarei retomando um pouco o que dizíamos sobre HAMELIN. Este, numa revisão à KANT, considera o tempo e o espaço como também categorias puras do entendimento, não mais como formas mediadoras. A partir dessa perspectiva, DURKHEIM⁵ e MAUSS, vão ampliar o campo das reflexões hamelianas. Para estes, assim como para Kant e Hamelin, o homem pensa sim através de categorias, no entanto, estas categorias não são formuladas no pensamento, elas são constituídas sociohistoricamente; assim, tempo e espaço são construções sociohistóricas, são instituições formuladas dentro de um contexto sociohistórico. As categorias são concretas (apesar de não serem todas conceitos e categorias, só aquelas que são o “esqueleto do espírito humano”, nas palavras de DURKHEIM); portanto, as

⁵ Todas as principais obras de DURKHEIM tratam, de uma forma ou de outra, das categorias tempo/espaço. Mas, sem dúvida, o ensaio em que ele mais aprofunda as questões relativas às categorias humanas é o que ele fez, juntamente com MAUSS, *Algumas formas primitivas de classificação* escrito em 1903. A tradução brasileira pode ser encontrada na coletânea *Ensaio de Sociologia*, de M. MAUSS (1981).

categorias, o tempo e o espaço são representações sociais. Tendo isto em comum, no entanto MAUSS e DURKHEIM se afastam; esse cada vez numa perspectiva de abstração maior; aquele sempre refletindo através do concreto, do vivido e, assim, numa postura em direção a um relativismo mais radical, concluindo que cada sociedade elabora e constrói de formas diferenciadas as suas próprias categorias, estas elaborações sociais que vivem e morrem com suas sociedades (DUMONT, 1993).

No entanto, levando em consideração ainda a concepção de DURKHEIM do tempo e espaço enquanto categorias, R. CARDOSO DE OLIVEIRA considera que, para esse (e seus discípulos), com base numa postura metodológica que se apóia no sincrônico, o tempo é posto entre parênteses (assim como o indivíduo e o sujeito): ele é neutralizado e silenciado. Contudo, acredito que o tempo em Durkheim é extremamente ambíguo, pois mesmo postulando uma necessidade de uma análise sincrônica da sociedade, ao mesmo tempo ele observa a necessidade de uma explicação histórica, ou seja, diacrônica da sociedade, (o que explica o motivo de M. GOLDMAN (1993) considerar DURKHEIM dentro de um modelo diacrônico), pois está preocupado também com as origens dos fatos sociais; ou seja, ele tem também uma preocupação genética (e portanto temporal) e não apenas estrutural (e assim sincrônica), o que aponta para ambigüidades e contradições do pensamento durkheimiano, mas que não aprofundaremos aqui.

Quando se trata da categoria espaço, DURKHEIM considera-o estando diretamente ligado a sua concepção de morfologia social: a forma da sociedade, seu volume e sua densidade. MAUSS (1974a), também partindo disso, elabora que a noção de pessoa diz respeito aos afetos e sentimentos de grupo em relação ao local em que se encontram, assim o espaço está diretamente relacionado à sociedade e ao local onde se situa (ou território onde esta se encontre). MAUSS, juntamente com HUPERT, partindo de DURKHEIM, vai analisar as categorias de tempo no "Esboço de uma teoria geral da Magia" (1974a) e a de espaço na sua monografia sobre os Esquimós (1974b), onde analisa a morfologia sazoneira das populações esquimós (e o tipo de comportamento social relativo a cada morfologia) a partir da mudança de estação, que são duas, onde há uma conformação morfológica diferente em cada tempo. Assim, partindo sempre dos dados concretos, do vivido, MAUSS pretende demonstrar que tempo e espaço são categorias sociais do entendimento, e, portanto, relativa a cada sociedade.

ESTRUTURAL FUNCIONAL-BRITÂNICA

Talvez seja nesse paradigma que o tempo tenha sido mais negado, ou mesmo posto no "gelo", como diz Fabian, isso ocorrendo principalmente através de MALINOWSKI e RADCLIFFE-BROWN que não discutem sobre essas categorias, apesar do mesmo não acontecer com EVANS-PRITCHARD e outros, mas então o tempo e espaço são pensados como formas de apreensão das contradições da própria estrutura do tempo e do espaço relativo a uma sociedade determinada. Fabian acredita, assim, que apesar da crítica que a Escola Britânica faz aos evolucionistas, ela não questiona a naturalização do tempo. No entanto, DAMATTA acrescenta que essa crítica dos britânicos tem consequências fundamentais para a antropologia, pois o tempo passa a ser relativizado, através da concepção sincrônica das sociedades, onde tempo e espaço devem ser relativos a cada sociedade, pois estas têm seu próprio tempo e espaço. Nesse sentido, os britânicos se recusam a fazer comparações entre o tempo e o espaço da sua sociedade e da sociedade pesquisada. Tempo e espaço relativos a cada sociedade implica aqui, acredito, em temporalidade e espacialidade localizadas.

Contudo, no princípio do desenvolvimento desta escola, o tempo ainda não estava posto no "gelo", para utilizar um termo de FABIAN. W. H. R. RIVERS, um dos "fundadores" do paradigma estrutural-funcional, apoiado nas categorias (em um sentido não kantiano) da causalidade e do empirismo - que são categorias de valor para os intelectuais britânicos (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988 e DUMONT, 1993), categorias estas baseadas na lógica indutiva de STUART MILL -, considera a pesquisa de campo⁶ como fundamental para o estudo antropológico, estudo este que deve ser feito a partir da história (não-conjectural, como faziam os evolucionistas) e da psicologia social - sendo esta a pesquisa realmente social. Rivers vai privilegiar, então, o estudo diacrônico sobre a sincronia, pois, para ele, aquele deve ser realizado antes para ser possível o conhecimento do segundo; portanto, a partir desta perspectiva,

⁶ É bom lembrar que, até esta época, fim do século XIX, os antropólogos não realizavam pesquisa de campo, recebendo os dados de terceiros. Estes antropólogos evolucionistas ficaram conhecidos como *antropólogos de gabinete*, e tiveram muitos de seus dados e conclusões questionados, pois apresentavam seríssimos problemas de interpretação e metodológicos. Rivers é um dos primeiros antropólogos a elaborar um programa em que a pesquisa de campo, realizada pelo antropólogo, é fundamental para a pesquisa antropológica. Esta perspectiva vai influenciar toda a escola britânica.

vê-se o impacto primordial da compreensão antropológica ser posta no tempo histórico. Em contraposição, rompendo drasticamente com seu antecessor, RADCLIFFE-BROWN faz uma inversão do programa antropológico de RIVERS, dando privilégio ao social e excluindo ou negando o indivíduo e a história, numa radicalização do projeto durkheimiano, segundo CARDOSO DE OLIVEIRA. RADCLIFFE-BROWN, então, vai considerar que o fundamental é conhecer antes o estático, para só então ser possível o estudo e conhecimento do dinâmico. Isto porque considera que é exatamente o estático que permite a sobrevivência e continuidade da sociedade, através da relação de forças entre equilíbrio e conflito, sendo a *função* uma relação causal entre estas forças. É então por isso que a análise das relações sociais deve ser realizada no estático, ou *estrutura*, pois este é o local privilegiado da garantia da manutenção dessas relações. Assim, o tempo realmente é posto no “gelo”, ou mesmo, como ainda diz FABIAN, é na pior das hipóteses considerado como não tendo significados. Portanto, a partir da concepção de espaço morfológico (influência de DURKHEIM), os britânicos vão relacionar o tempo a um espaço/ local dado, tempo este que tem o seu movimento abstraído.

ESCOLA HISTÓRICO-CULTURAL AMERICANA

Aqui, ao contrário dos britânicos, o tempo é sim levado em consideração; tempo este histórico, mas de uma historicidade da sociedade estudada, pois a historicidade do observador é ainda neutralizada, sendo a historicidade do “Outro” e a a-historicidade do pesquisador garantia para o alcance do conhecimento objetivo, (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998). Assim, Fabian concebe que, no culturalismo, o tempo é relativizado ao humano, abandonando-se uma preocupação com uma teoria universal do tempo (como faziam os evolucionistas sociais), deixando este para as preocupações da evolução biológica.

Para compreender melhor esta escola, seria interessante aqui abordar especificamente as concepções de F. BOAS (alemão naturalizado americano), já que este é o fundador e mentor deste paradigma. As perspectivas teóricas boasianas estão diretamente ligadas à tradição alemã, como também à sua experiência no campo. Boas, como lembra STOCKING (*apud* SAHLINS, 1979), é diretamente influenciado pela filosofia de Kant e pelo repensar deste por Dilthey, além do historicismo alemão e do difusionismo de RATZEL e BASTIAN. Ora, Kant foi na Alemanha o primeiro a advogar uma história racional da humanidade e, apesar de seu

obscurcimento pelo hegelianismo, KANT ressurgiu no cenário alemão, contemporaneamente aos estudos de BOAS, repercutindo na história particularista de então. Nesse cenário, DILTHEY vai realizar um diálogo com KANT que repercute também em Boas. Não é difícil então perceber que a concepção relativizada e particularista de BOAS é um eco do historicismo e do kantismo em um diálogo com DILTHEY. Este a partir da noção de *valor* (relativo) de KANT vai pensar numa perspectiva relativizada, comungando com Boas. Dentro desse quadro (KANT, DILTHEY, particularismo histórico alemão), BOAS irá considerar que o tempo e a história são particulares e relativos a uma dada cultura, *possuindo* e *sendo* significados dentro desta cultura. A temporalidade significa e é particular a uma sociedade específica. Assim como Dilthey, numa conversa com o particularismo histórico alemão ainda, BOAS considera que é a tradição, significados e ações do homem no passado (a teoria do homem, como lembra Sahlins), que considera o presente e é efetivado a partir das ações do homem no presente; o presente é em parte condicionado pelo passado e em parte pelo futuro. A história se dá localmente, ou seja, é particular a uma sociedade localizada em uma área determinada. É então aqui que Boas realiza uma concepção de espaço como local, isto é, geograficamente. É em áreas ou círculos culturais (tendo como base a geografia) que os traços culturais são diferenciados no tempo e no espaço. Entretanto, é bom salientar que Boas reafirma ser necessário um cuidado e rigor metodológico na delimitação dessas áreas e na “trilha” desses traços culturais. Tendo uma perspectiva geográfica do espaço (territorialidade), Boas acredita que é o método histórico o único que pode dar condições ao alcance do conhecimento das culturas, entretanto ele não nega a possibilidade de uma abordagem sincrônica, mas considera que isto por enquanto não é possível (numa perspectiva inversa a RADCLIFFE-BROWN), tendo em vista que seria necessário ter um conhecimento pleno da sociedade, o que, segundo ele, ainda é impossível.

Portanto, com o já exposto até aqui, pode-se vislumbrar diferentes formas de utilização e concepção metodológica e epistemológica de tempo/espaço na antropologia clássica, e como estas categorias são condicionantes da própria construção paradigmática da disciplina; entretanto, é impossível deixar de reafirmar que a antropologia clássica e atual, quer considerando ou não tempo/espaço como categorias do entendimento, certamente as considera como categorias culturais. Mas, deixarei as reflexões abstratas um pouco de lado. O que me interessa agora é debruçar sobre como estas categorias estão presentes na prática etnográfica, numa

rápida e superficial análise que servirá mais a título de exemplo.

ALGUNS EXEMPLOS ETNOGRÁFICOS E O TEMPO/ESPAÇO

Ora, a antropologia está transbordando de importantes textos etnográficos que tocam a questão do tempo/espaço - tornando-os invisíveis ou o contrário. Mas, aqui me deterei sobre dois trabalhos que considero exemplares: o primeiro é a clássica etnografia de E. EVANS-PRITCHARD sobre os Nuer da África; o segundo é um trabalho contemporâneo da antropóloga brasileira E. WOORTMANN sobre uma população pesqueira do Nordeste do Brasil. Assim, o que pretendo é, rapidamente, demonstrar como o tempo/espaço foi pensado na antropologia clássica e como é concebido hoje na antropologia contemporânea.

EVANS-PRITCHARD - OS NUER

Talvez esta seja uma das etnografias mais conhecidas sobre o tempo e o espaço de uma dada sociedade, no caso, a sociedade Nuer. Aqui EVANS-PRITCHARD (1978) analisa a sociedade Nuer (dentro de uma perspectiva estrutural-funcional, na tradição de RADCLIFFE-BROWN) considerando que o social está contido no ecológico. A partir dos seus dados, ele descreve que os Nuer concebem dois tipos de tempo (sendo o tempo uma sucessão de acontecimentos): o *tempo ecológico* e o *tempo estrutural*. No primeiro, o tempo é concebido como um reflexo das relações com o meio ambiente; no segundo o tempo é concebido como um reflexo das relações entre os grupos sociais. O tempo ecológico possui uma concepção cíclica, sendo a contagem do tempo anual, em que se encontram duas estações principais: a da chuva e de seca. É seca quando se está no acampamento, é chuva quando se está na aldeia. A concepção de tempo ecológico é feita a partir das atividades, ou seja, são as atividades que definem o tempo ecológico. Assim, literalmente, o tempo é o de seca, não porque cessaram as chuvas, mas porque se está no acampamento. Nesse sentido, são as atividades que dão significado ao tempo ecológico. O tempo estrutural é um reflexo ou está condicionado pela *distância estrutural*: faz parte, assim, propriamente da estrutura social. Segundo EVANS-PRITCHARD, a contagem do tempo estrutural se dá a partir de pontos significativos dentro do contexto social e histórico para o grupo, mais a relação entre os grupos de conjuntos etários e a relação dos segmentos

de linhagem e parentescos. Portanto, ele afirma que os Nuer têm uma baixa profundidade temporal, tendo em vista que o tempo é fixo e contado entre dois pontos. Assim, por exemplo, o tempo é contado entre um grupo de agnatos em relação ao ancestral em comum mais afastado na escala temporal, os graus de parentesco, no entanto, são quatro: avô - pai - filho - neto. Quando se pensa nos grupos etários, os Nuer concebem seis e o tempo é contado entre o primeiro e o sexto grupo etário. Como fala EVANS-PRITCHARD, para os Nuer o começo do mundo foi e é há um tempo sempre recente. Ainda em relação ao tempo estrutural, EVANS-PRITCHARD considera que este está condicionado e estruturado pelo espaço ou distância estrutural, como já mencionei; o tempo só pode ser conhecido se se conhece a distância estrutural. Mas, para compreender isto é necessário antes considerarmos os espaços Nuer, por EVANS-PRITCHARD.

Ora, os Nuer também possuem dois espaços ou distâncias: a *ecológica* que se refere a distribuição e densidade, como também à água, a vegetação, etc.; e a *distância estrutural*, que se refere as relações entre grupos e ao valor e significado dessas relações, modificando a distância ecológica. Assim, se três aldeias (*a*, *a'*, e *b*) estão geograficamente equidistantes, na distância ecológica, se *a*, e *a'* fazem parte de uma mesma linhagem, elas estão mais próximas em relação à distância estrutural do que *b*. Há, então, alguns tipos de distâncias estruturais: linhagem, grupos etários, etc. Assim, a distância estrutural entre segmentos de linhagem mínima é menor do que a distância estrutural entre os segmentos da linhagem menor, que é menor do que os segmentos da linhagem maior, que é menor do que os segmentos da linhagem máxima. É partindo da distância estrutural entre, por exemplo, os indivíduos de um grupo de agnatos, que se conhece o tempo estrutural dessa linhagem a partir do ancestral comum mais longe na estrutura de linhagens. Assim, para o autor, tempo e espaço se inter-relacionam, o espaço condicionando o tempo. E, nessa brilhante etnografia de EVANS-PRITCHARD, podemos encontrar o pressuposto da escola britânica, e já mencionados, do tempo e espaço relativos apenas à sociedade estudada, mais especificamente, à *estrutura e funcionamento* de uma sociedade específica.

E. WOORTMANN - TEMPO, ESPAÇO E GÊNERO

Chega-se então à contemporaneidade. Na etnografia "Da Complementaridade à Dependência:

espaço, tempo e gênero em comunidades “pesqueiras” do nordeste”, WOORTMANN (1992) discute a construção de gênero em uma comunidade “pesqueira” do NE, a partir das categorias (do pensamento e culturais) de tempo e espaço. Nessa etnografia, já podemos perceber a mudança de tom e de perspectiva, sobre o tempo e o espaço, que encontramos nas etnografias atuais. Nessa comunidade os seus limites e a sua identidade se constroem a partir dos espaços que são incluídos como fazendo parte da comunidade: a terra e o mar - apesar do mar ser, no discurso, apontado como o espaço da comunidade e através do qual ele se define. Woortmann considera, entretanto, que estes espaços são complementares, mesmo que ideologicamente hierarquizados, mas que no entanto estes espaços foram modificados no decorrer dos acontecimentos e dos tempos. Mas, acrescenta ela, é a partir do tempo e pelo espaço, que a identidade de gênero é constituída pelas mulheres, sempre em relação ao espaço e tempo dos homens e aos homens. Assim, tempo e espaço são pensados a partir de polaridades que são flexibilizadas por tempos e espaços intermediários. Portanto, no tempo de antigamente (tempo das terras soltas) a terra era o espaço da mulher e o mar o espaço dos homens, estes espaços eram subdivididos em terra solta - mulher, praia-mulher/homem, mar de dentro-homem/mulher, mar de fora - homem. No tempo de antigamente era o tempo da fartura e do respeito à mulher, pois as atividades femininas complementavam a masculina e era no domínio da mulher que a vida social se organizava. Nesse tempo, a terra era coletiva e utilizada pelas mulheres para o plantio, coleta e parto, onde as necessidades familiares eram satisfeitas por essas atividades, acrescentando a isso a reciprocidade na comunidade, evitando uma monetarização das relações. Esse tempo, o tempo da fartura, representa para as mulheres o tempo do respeito, do valor.

Entretanto, vai ocorrer nessa comunidade, como em outras, uma modificação dos espaços: espaço do homem permanece inalterado, entretanto, é o espaço da mulher que se modifica. Com a chegada do arame, da cerca, as mulheres vão ter seus espaços diminuídos e conseqüentemente, também suas atividades. Assim, a terra agora será o espaço em que a mulher será o braço do homem. Esse processo que se agrava no decorrer do tempo - através das privatizações da terra, do mangue, da poluição da praia e também do mangue, da venda da casa de pescadores para turistas -, representa a impossibilidade e dificuldade da mulher em desenvolver atividades que complementem às do homem. Essa mudança de tempo é percebida pelas mulheres como uma

oposição entre o tempo *de antigamente/fartura-respeito*; e o tempo *de hoje* (“um tempo muito esquisito”)/*de ambição*, onde as relações são monetarizadas e a mulher passa a ser considerada pelos homens como preguiçosa e, assim, ocorrendo uma desvalorização da mulher. WOORTMANN considera, então, como já dito, que a identidade feminina (ou de gênero, já que também a do homem) é constituída a partir da percepção do espaço e do tempo, que não é dito, mas é sentido. Um tempo passado que é idealizado, uma temporalidade que se percebe a partir da memória. Existe, então, o tempo dos acontecimentos, que é refletido a partir da experiência da mulher, de sua vivência; e o tempo cíclico, o da pesca, o do preparo do pescador, o da suspensão temporária da pesca.

WOORTMANN conclui, então, fazendo uma comparação com EVANS-PRITCHARD, que para este o tempo estrutural é constituído da identidade do grupo. Ela, no entanto, vai mais longe e acrescenta que este tempo estrutural é constituído não apenas da identidade do grupo, mas também (e principalmente) das identidades de gênero. Para além disso, a autora considera que a história dessas mulheres, como percebidas e constituídas por elas mesmo, está condicionada pela própria temporalidade do tempo, ou seja: a concepção do tempo, da historicidade, está condicionada a temporalidade vivida relativa a própria contingência temporal dos pesquisados e de suas representações dos tempos, conseqüentemente, dos espaços. Ainda mais, a própria percepção do antropólogo sobre os espaços e os tempos constituídos pelo pesquisados é condicionado pela contingência temporal.

Enfim, depois dessa rápida digressão sobre estas etnografias acima comentadas, posso retornar a FABIAN (1983) e ver como ele classifica os usos e concepções do tempo na disciplina. Ele considera que há três tipos de uso do tempo na antropologia: o “Physical Time” (usado pelos evolucionistas) onde o tempo é naturalizado, considerado em relação a contagem de grandes escalas de tempo - há uma frieza do antropólogo em relação aos tempos. Segundo o “Typological Time” (funcionalistas, culturalistas, etc.) onde o tempo é pensado a partir dos acontecimentos sociais significativos, mais precisamente entre os acontecimentos - ele é pensado em termos de classificação dos opostos: rural/urbano, tradicional/moderno, etc.; é pensado enquanto “entidade” e não como movimento. Por fim, há o “Intersubjective Time”, defendido por GEERTZ e seus seguidores, profundamente reelaborado e refletido pela antropologia atual, como pode-se entrever pela etnografia de WOORTMANN.

CONCLUSÃO

É aqui, então, que podemos iniciar as minhas conclusões. Diferentemente da antropologia clássica, o paradigma interpretativista vai incluir, na sua perspectiva, as categorias da desordem (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988), nelas incluídas a subjetividade e a historicidade, só que não apenas do "Outro", assim como percebe-se na etnografia de WOORTMANN: o tempo do etnógrafo, na historicidade, é o tempo contingente, faz parte mesmo da pesquisa etnográfica e da própria etnografia. Como falam os pós-modernos, a própria etnografia tem o seu tempo. Além disso, como observa o pós-moderno G. Marcus (1994), dentro de um mundo fragmentado, os espaços devem ser desterritorializados, e as etnografias realizadas dentro de uma percepção não mais local (como faziam os antropólogos da antropologia clássica, que tinham como uma das técnicas de pesquisa a elaboração de um mapa e da distribuição da sociedade), é por isso que ele considera ser possível fazer uma comparação por justaposição, a partir da transitoriedade do espaço, possibilitando a comparação entre coisas incomensuráveis. Para além das considerações sempre bombásticas, mas nem sempre pertinentes dos pós-modernos, podemos terminar com as reflexões que a antropologia reflexiva britânica nos últimos anos vem elaborando, quando que observa que o processo do conhecimento antropológico decorre a partir de um contexto, temporal e espacial, onde as experiências do sujeito que observa e do que é observado (sendo que este também observa) fazem parte, dentro de tempos e espaços, da própria construção do saber antropológico.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Sobre o Pensamento Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.
- CASTORIADIS, Cornelius. *As Encruzilhadas do Labirinto: o mundo fragmentado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FABIAN, Johannes. *Time and The Other: how anthropology makes its object*. New York: Columbia University Press, 1983.
- GOLDMAN, Márcio. Antropologia Contemporânea, Sociedades Complexas e outras Questões. In: *Anuário Antropológico 93*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p. 113-153.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, vol. I, 1974a.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, vol. II, 1974b.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- MONTERO, Paula. Reflexão sobre uma Antropologia das Sociedades Complexas. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo: FFLCH/USP, 1991, vol. 34, p. 103-130.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WOORTMANN, Ellen. Da Complementaridade à Dependência: espaço, tempo e gênero em comunidade "pesqueiras" do nordeste. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: ANPOCS, 1992, nº 18.